



## Dr. Alvaro F. de Novaes e Sousa

Nosso illustre conterraneo e novel professor da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martvres da Republica, 91  
BRAGA

#### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 r.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 138

Braga, 19 de fevereiro de 1916

Anno III

# Expediente

Estamos procedendo à cobrança do 1.º semestre do presente anno. Rogamos aos nossos estimaveis assignantes o obsequio de satisfazerem o importe do seu recibo, logo que este lhe seja apresentado, cooperando assim para que esta administração tenha os seus serviços tão regularizados quanto é o nosso maior desejo.

## Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, Harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.<sup>a</sup>

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1533—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se n'esta casa.  
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira).

## Officio de Nossa Senhora EM PORTUGUEZ

Com as novas modificações introduzidas pela Bulla «Divino Afflictus».

Com as novas modificações introduzidas pela Bulla «Divino Afflatum».

Preços: brochado, 80 réis: encadernado em percallina, 150 e 170; Pelo correio mais 10 réis.

A' venda na administração do Boletim Mensal—Braga

## Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsão; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## Almanaque de Santo Antonio Para 1916

O seu nome de ha muito está feito. Todavia o *Almanaque de Santo Antonio* empenhado em cada anno se tornar mais util e agradável, traz agora novidades ineditas e exclusivas, sendo uma d'ellas a taboa explicativa de cada dia de jejum do anno, com a indicação do que é ou não prohibido comer-se.

O *Almanaque de Santo Antonio para 1916* prova praticamente que sem pornographias nem immoralidades se pôde compor um almanaque, capaz de não vexar, envergonhar ninguem que o traga nas mãos, bater-se com os melhores almanaques portuguezes que apparecem no mercado.

Brochado, 250 réis.—Encadernado, 320 réis  
Pelo correio mais 50 réis

A' venda na administração do Boletim Mensal—Braga.



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 19 de fevereiro de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 138—Anno III



SERVIA—O imperador d'Allemanha condecorando um soldado bulgaro,  
por occasião da sua visita a Nisch

# Paginas d'arte

## A MORTE DE BEETHOVEN

POR AFFONSO KARR.

**B**EETHOVEN só teve na sua vida um momento de felicidade e ella matou-o...

Pobre, relegado ao isolamento pelo desprezo dos outros, temperamento naturalmente revoltado, ferido de injustiças, apesar d'isto elle compoz a musica mais bella que por homem algum jámais foi feita. N'esta linguagem de belleza fallava elle aos homens que se dignavam ouvil-o, como a natureza lhes falla na ceeste harmonia do vento, na agua e no canto das aves. Beethoven é o verdadeiro propheta de Deus porque só elle fallou a linguagem divina.

No entanto o seu talento era tão ignorado que—a maior tortura d'um artista!—por mais de uma vez chegou a duvidar do proprio gênio.

Haydn dava-lhe apenas este elogio: «toca o cravo com habilidade». E Géricault: «mistura bem as côres». E Goethe: «não dá erros d'orthographia», «escreve bem».

Tinha um amigo, Hummel, mas como a pobreza e a injustiça o irritavam, tornando-o até injusto para comsigo mesmo, zangou-se com Hummel e por longo tempo deixaram de se vêr; para cumulo de desgraça, ficou completamente surdo.

Retirou-se então para Baden, onde vivia tristemente isolado, d'uma pequena pensão que a custo suppria às suas necessidades. Seu unico prazer era embrenhar-se n'uma linda floresta proxima, e alli, sósinho, compôr as sublimes symphonias, deixar subir a alma ao céu em harmoniosos accentos, fallar aos anjos uma lingua demasiado bella para os homens a comprehenderem.

Uma carta porém, o chamou um dia á terra, onde novos desgostos o esperavam.

Um sobrinho que tomara a seu cuidado e ao qual se ligara pelo muito bem que lhe fizera, escrevia-lhe de Vienna, dizendo que implicado em questões escuras, só a presença de seu tio o livraria de funestas consequencias.

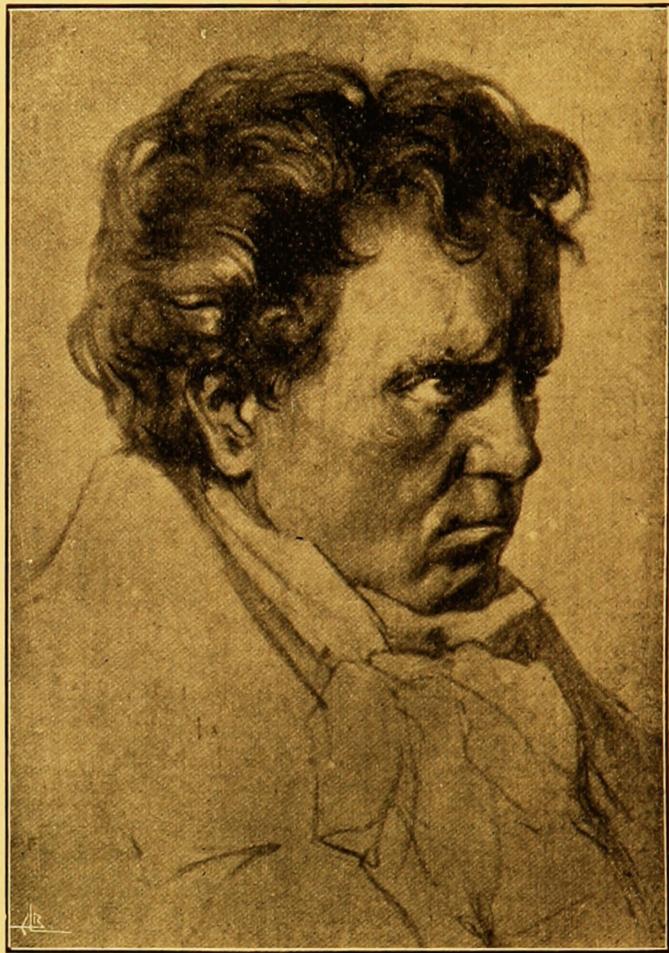
Beethoven partiu, e para poupar dinheiro, fez parte do caminho a pé. Uma tarde, parou deante de uma casa velha e pediu hospedagem: ainda tinha muitas leguas a andar até Vienna, e as forças não lhe consentiam prolongar a jornada noite fóra.

Acolheram-no; ceou e depois achegou-se ao calor do fogão, assentando-se na cadeira do chefe da familia.

Quando se levantou da meza, o dono da casa abriu um velho cravo encostado á parê-

de, e seus trez filhos tomaram cada qual o seu instrumento; a mãe e a filha andavam occupadas em arrumos domesticos.

Deu o pae o primeiro accorde, e todos os quatro começaram a tocar, com essa certeza, esse genio innato que só os allemães possuem para a musica. Parece que o trecho que



Beethoven

tocavam os interessava vivamente, porquanto abandonavam-se-lhe de corpo e alma, e tanto que as duas mulheres largaram os seus serviços para os ouvir; nos seus rostos via-se uma doce emoção, comprehendia-se a contensão de seus corações enlevados.

Era esta a unica participação que Beethoven podia tomar no que se estava passando, pois não podia ouvir uma só nota; sómente pela precisão dos movimentos dos executantes, pela animação de suas physionomias, revelando-lhes a intensidade do sentimento, elle pensava na superioridade d'aquelles homens sobre os musicos italianos, machinas musicas bem organisadas.

Quando terminaram, apertaram-se as mãos effusivamente, como para communicarem a

impressão de contentamento que haviam sentido e a menina lançou-se a chorar nos braços de sua mãe.

Depois, pareceram consultar-se e retomaram os seus instrumentos; recommencaram; d'esta vez a sua exaltação subiu de ponto, seus olhos eram humidos e brilhantes de lagrimas.

—Meus amigos, disse Beethoven, bem infeliz sou em não poder tomar parte na alegria que sentis, porque também amo a musica; mas como já sabeis, sou tão surdo que não posso ouvir uma só nota.

Deixae-me ler essa musica que tão viva e doce commoção vos causa.

Tomou o caderno em suas mãos, os olhos ennevoaram-se-lhe, a respiração deteve-se-lhe, depois pôz-se a chorar e deixou cahir a musica...

O que enthusiasmára aquelles aldeãos era o *allegretto* da *Symphonia em lá*, de Beethoven!

Toda a familia o rodeou, exprimindo-lhe por signaes o seu espanto e a sua curiosidade.

Durante alguns momentos, convulsivos soluços o impediram de fallar. Por fim, disse:

—Eu sou Beethoven.

Então, todos se descobriram e inclinaram com silencioso respeito, e Beethoven estendia-lhes as mãos, e elles apertavam-nas e beijavam-lhas, comprehendendo que o homem que estava em sua casa, era mais do que um rei.

Fitavam-no para melhor lhe verem as feições, e procurar na sua face o signal do seu genio, a aureola que lhe nimbava a fronte. Beethoven abriu-lhes os braços e todos o abraçaram. De repente, levantou-se, assentou-se deante do cravo, fez signal aos trez moços para que retomassem os seus instrumentos e tocou elle mesmo a sua obra-prima. As suas almas viviam-na: jámais musica mais bella foi melhor executada.

Quando acabaram, Beethoven ficou ao cravo e improvisou alli mesmo canticos de acção de graças ao céo, como em toda a sua vida não compoz.

Uma parte da noite passou-se a ouvil-o. Era o seu canto de cysne...

O chefe da familia obrigou-o a acceitar a sua cama, mas de noite Beethoven teve febre; levantou-se, sentia falta de ar, e sahiu descalço para o campo. Quando voltou estava gelado. Foram a Vienna buscar um medico; declarou-se uma hydropesia de peito. Apesar de todos os esforços, o medico, dois dias depois denunciou a morte de Beethoven.

Com effeito, a vida ia-lhe faltando a pouco e pouco. Quando já as ralas o afogavam lentamente, entrou um homem: era Hummel, Hummel o seu velho, o seu unico amigo. Soubera da doença de Beethoven; vinha trazer-lhe os seus cuidados e o seu dinheiro, mas já era tarde; Beethoven já não fallava; um olhar de gratidão foi tudo o que elle pôde dizer a Hummel.

Hummel inclinou-se para elle e, ajudado pela

cornêta acustica, por meio da qual Beethoven ainda podia ouvir algumas palavras pronunciadas em alta voz, disse-lhe a dôr que sentia ao vê-lo soffrer.

Beethoven pareceu reanimar-se, seus olhos brilharam mais, e disse:

—*Não é verdade, Hummel, que eu tinha talento?*

Foram estas as suas derradeiras palavras; os olhos quedaram n'um espasmo, a bocca entreabriu-se-lhe e a vida exhalou-se-lhe...

Enterraram-no no cemiterio de Döbling.

(Tradução livre.)



## Oração á Ave

(FRAGMENTOS)

(POR IVALDA)

Coruja tão bisonha e carniceira,

Faze penitencia

Quando chegar tua hora derradeira!

Sim, penitencia... e n'um grito d'amor

Implora o Creador!

Pede perdão do sonho que amargaste

Nos ternos lares onde tu levaste

O luto e a dôr sem fim.

Pede perdão, recorda o que fizeste

E, arrependida, rezarás assim:

—Senhor!

Fui sanguinaria e vil e carniceira

E assim passei a minha vida infœira!...

Quando a ave inda implume e delicada

Via morta a meus pés,

Imaginando a dôr dos paes da desgraçada,

Eu sentia a minh'alma estremecer

N'uma ancia sentida,

N'um enorme desejo de poder

Restituir-lhe a vida!

Mas, ao olha-lo novamente,

Uma voz me dizia...

Que não deixasse a ceia p'ra de dia!

E eu, Senhor,

Calando a minha dôr

E estremecendo ainda de piedade,

Engulia metade!...

Tépido, o sangue via enfão correr,

Como lagrimas rubras,

E sentia vontade de morrer!

Mas... a tal voz extranha repetia:

"Não se deixa um manjar para o outro dia.."

E eu ouvindo essa voz da natureza.

Eu... fazia do resto a minha sobrezeza!...

Perdão, perdão! Visto que sei soffrer,

Perdoae-me, Senhor, em antes de eu morrer!—

Reza assim, reza assim e tu verás

O allivio e até o prazer que sentirás!

Talvez que vejas a alma redimida

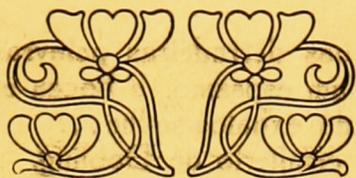
Pairando á luz do sol, em plena claridade,

E bebendo na luz um pouco de Verdade!...



# Historia d'uma pastora ambiciosa

POR ALICE GARÇÃO



Cobrija-se de galas o jardim  
Aonde as borboletas de setim  
E gaze prateada  
Voavam, loucas, nas manhãs radiosas  
Em que o sol brilha illuminando as rosas  
Com sua luz doirada.

Ora n'um certo dia, uma andorinha  
Que alli passava e que de longe vinha,  
Deixou cair no chão,  
Abrindo o bico, trez grãosinhos loiros  
Que ella trouxera do paiz dos moiros  
P'ra um terreno christão.

E a terra deu-lhes logo, pressurosa,  
Como uma mãe prudente e carinhosa,  
O seio escuro e forte,  
E acolheu n'elle os grãos que não sabia  
Se trariam o germen de alegria  
Ou da tristeza e morte.

D'ahi a um mez, o fructo das sementes,  
Trazidas d'um paiz de extranhas gentes,  
Surgia n'um canteiro.  
Cresceram as trez plantas. Cada qual  
Deu uma flôr, de encanto original  
E perfumado cheiro.

A primeira, de fôrma caprichosa.  
Era tão rendilhada e vaporosa  
Como a espuma do mar . . .  
E era, como ella, graciosa e leve,  
Quando entreabria as petalas de neve  
Aos beijos do luar!

A segunda, era côr do arrebol,  
E era tão magestosa como um sol  
Risonho e triumphal.  
O seu aroma, extranho e envolvente,  
Prendia o coração mais indiff'rente  
N'um encanto fatal.



A terceira, era roxa como um lirio  
E triste como as noites de delirio  
E a voz da tempestade . . .  
Quando inclinava a fronte para o chão,  
Dir-se-hia chorar como illusão,  
Em plena mocidade.

Na terra do canteiro bem cuidado,  
As trez irmãs viviam, com agrado,  
N'uma santa união . . .  
Faziam confidencias, mutuamente,  
E refrescava-as, no estio ardente,  
A mesma viração.

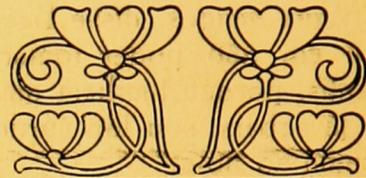
O sol beijava-as, com seus raios d'oiro,  
E a terra consid'rava-as um thesoiro  
Que caíra do céu.  
Viviam entre afagos e cuidados,  
Sem vêrem seus encantos disfarçados  
Pelo mais tenue véo.

Aconteceu ir ao jardim, um dia,  
Uma pastora que alli perto havia  
E, sem sombra de enleio,  
Chegou-se ao pé das flôr's e colheu uma  
—Aquella que era branca como a espuma—  
E prendeu-a no seio.

E logo a flôr angelica mudou  
O traje de pastora e o tornou  
Tão branco como a neve . . .  
E deu-lhe, a elle, a graça e a esbelteza  
E o divinal prestigio de belleza,  
Cujo imperio é tão breve!

Mas a antiga pastora, radiante,  
Esqueceu o passado, não distante,  
Ao vêr-se assim tão bella . . .  
E dominou-a a ideia, absorvente,  
De que essa flôr não era, certamente,  
Bastante para ella.

Foi então arrancar: do caule esguio,  
A flôr que tinha, nas manhãs do estio,  
Mais perturbante odôr . . .  
E quando, apóz, a collocou no seio,  
Sentiu que a embalavam, sem receio,  
Loucos sonhos d'amor.



E amou . . . e teve um dia de ventura,  
Em que, não via mais que a doçura  
D'uns olhos de veludo . . .  
E em que jurou mil vezes ser constante,  
Ao envolver aquelle olhar amante  
N'um lento afago mudo ;

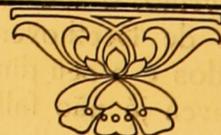
Mas breve se cançou de ser feliz . . .  
E ao ver a flôr, de livido matiz,  
Que no jardim ficara,  
Entrou a cubiça-la e a pensar  
Que novo encanto iria expr'imentar,  
N'aquella manhã clara.

Não pôde resistir á tentação  
De a afagar, de leve, com a mão,  
E de colhe-la emfim;  
Para juntar ás flôr's quasi olvidadas,  
—A branca e a vermelha—entrelaçadas  
N'um abraço sem fim.

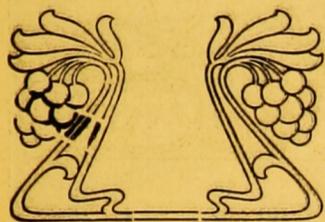
E em tão má hora o fez, que de repente,  
A imaginação que loucamente  
Sonhara mil chimeras,  
Os vôos suspendeu; e a cabeça doirada,  
De mansinho tombou inanimada,  
Sobre um tapete d'heras.

E foi assim, á hora do meio dia,  
Seb o azul sereno e a magia,  
D'um céu meridional.  
Que a infeliz pastora ambiciosa,  
Encontrou n'uma flôr misteriosa,  
Um veneno lethal.

E aquellas flôr's extranhas que a perderam,  
Sem o calor do seio, enlangueceram . . .  
E morreram por fim . . .  
Emquanto as desinquieta mariposas  
Iam beijando as purpurinas rosas,  
Nas sébes do jardim!

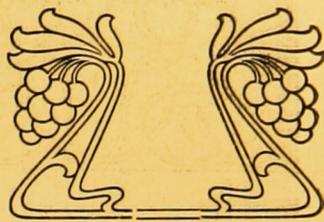
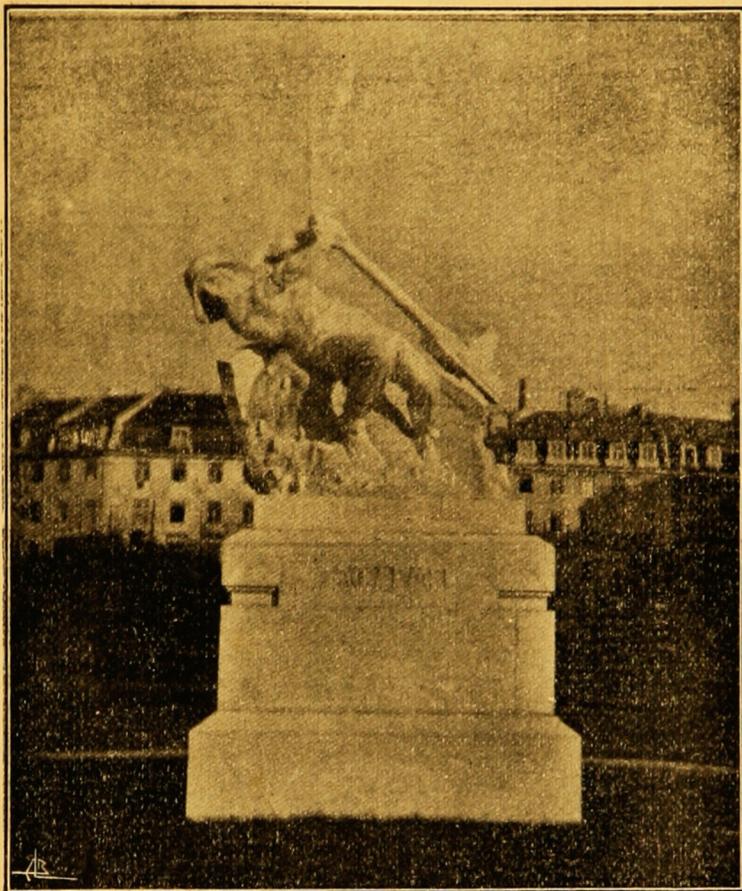


# PORTUGAL ARTISTICO

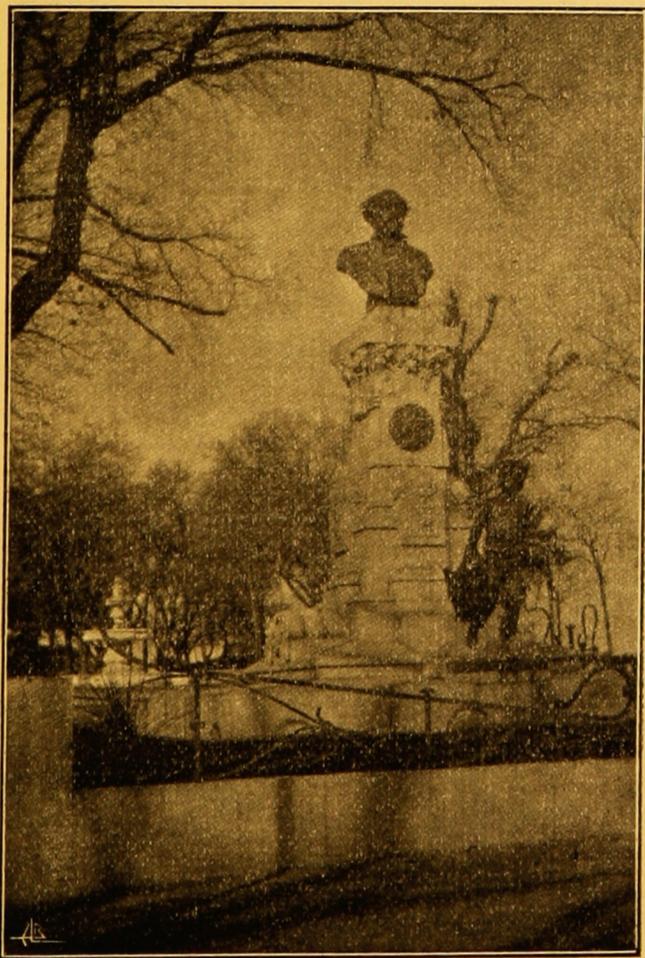
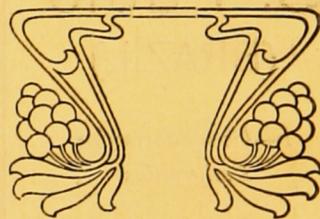
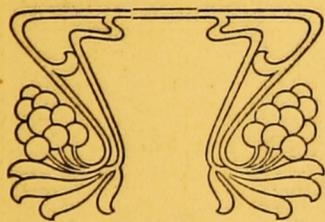


Lisboa—Ao leme. Trabalho do illustre esculptor Francisco dos Santos

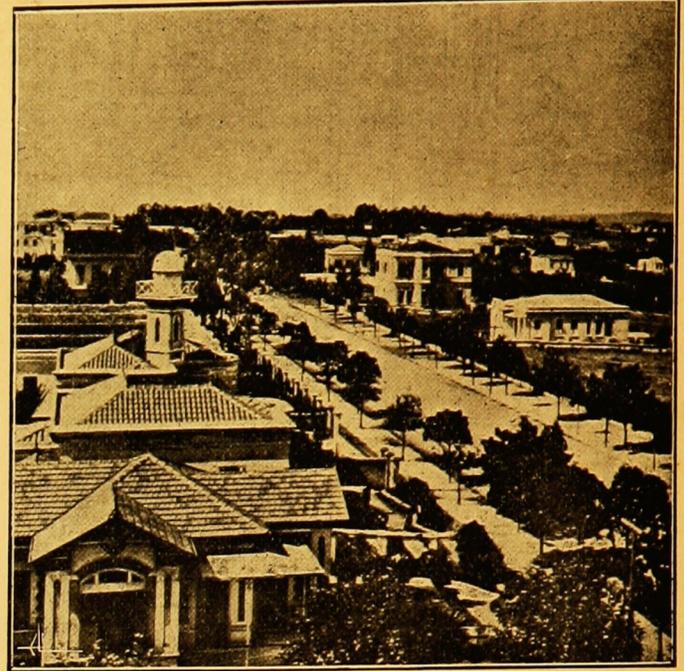
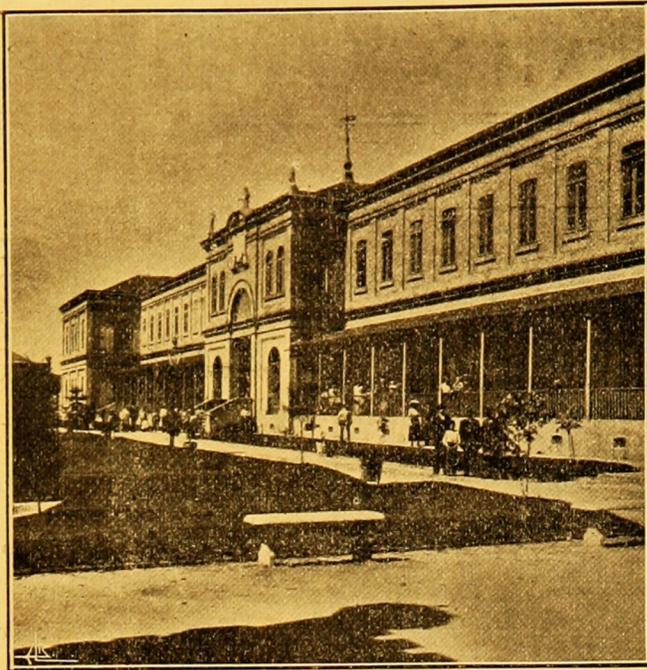
2. Lisboa — Monumento a Eduardo Coelho, fundador da Imprensa Popular. Trabalho do architecto Alvaro Machado e do esculptor Costa Motta.



3. Lisboa—Monumento a Pinheiro Chagas na Avenida da Liberdade. Trabalho do esculptor Costa Motta.

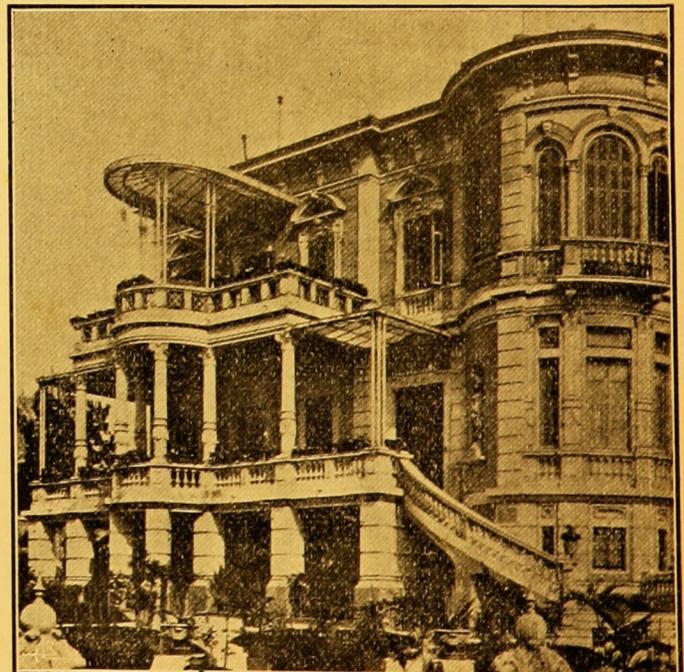
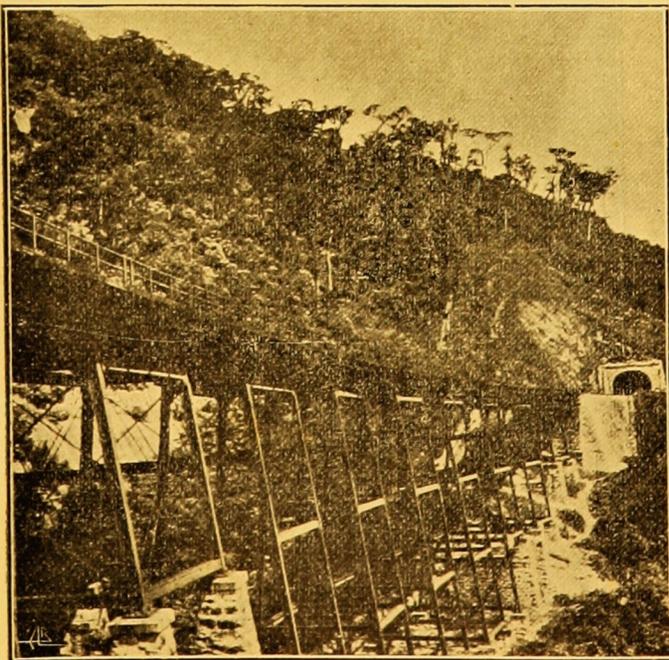
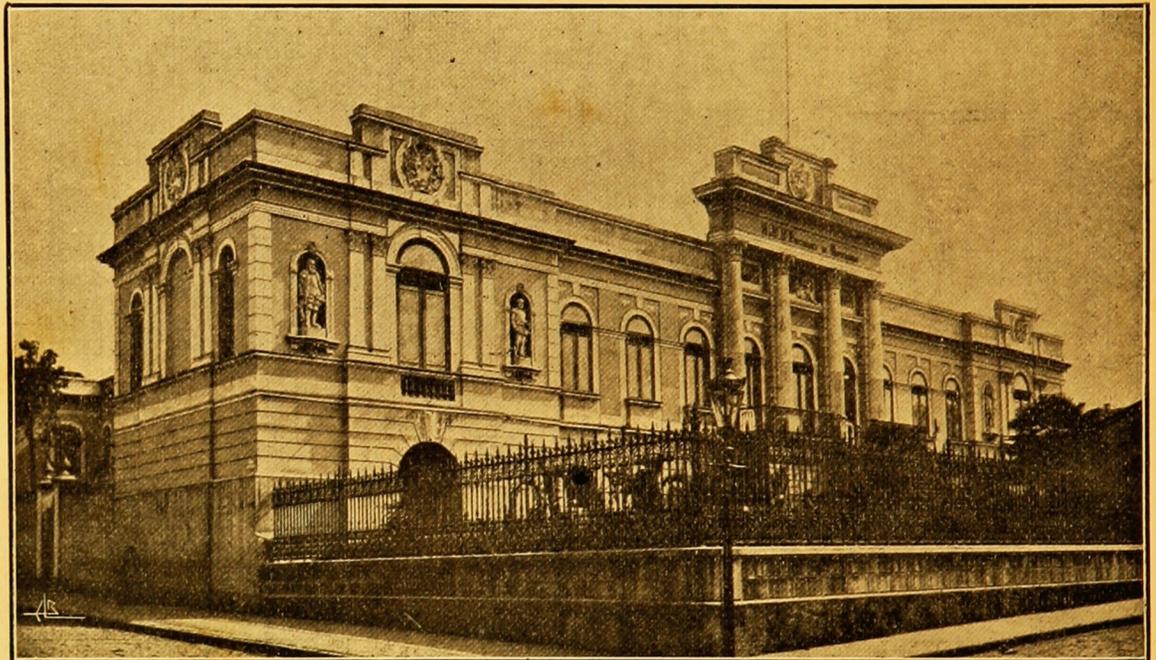


(Phots. de Viriato Silva)



# S. Paulo (BRAZIL)

- 1—*Hospedaria dos Emigrantes*
- 2—*Avenida Paulista*
- 3—*Benelicia Portuguesa*
- 4—*Viaducto da Serra, que liga S. Paulo a Santos*
- 5—*Villa Nina*





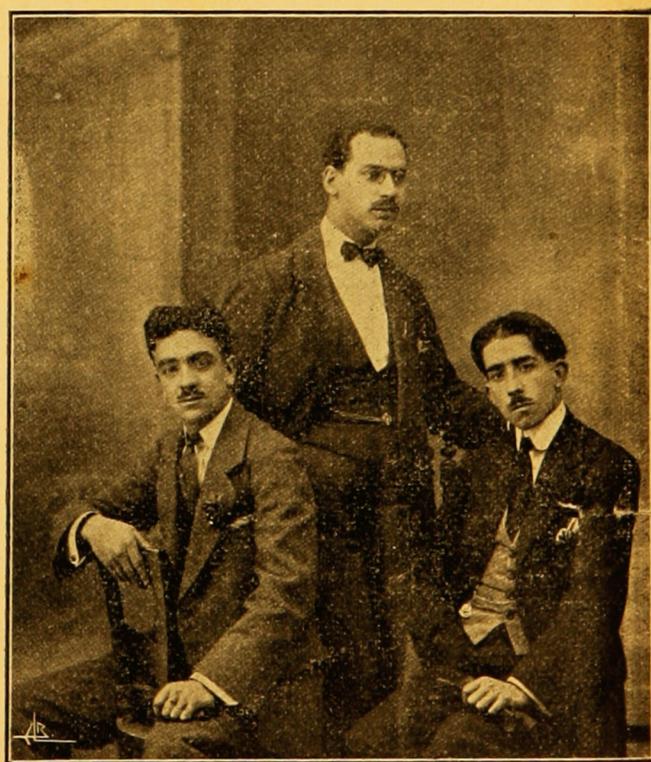
Porto—O salão nobre do Centro Commercial durante a exposição de pintura da distinta professora D. Alice Grillo de Lima

Outro aspecto do salão

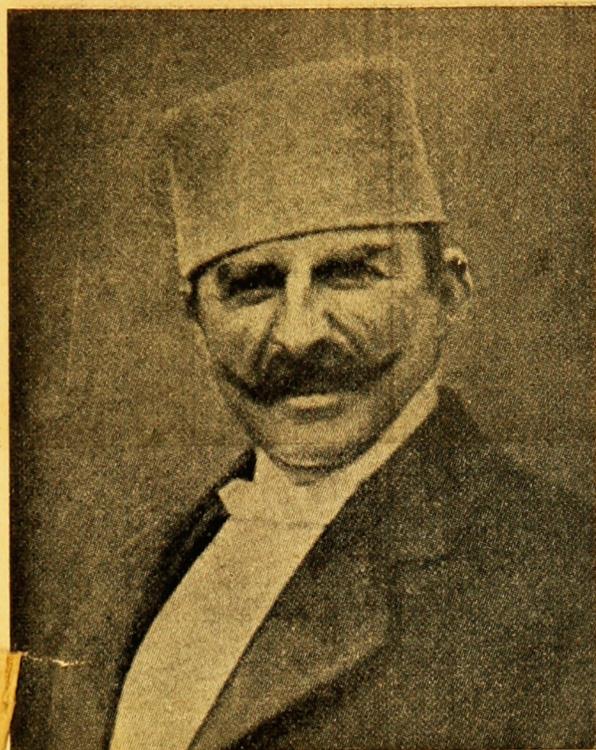
(Phots. de J. d'Azevedo—Porto)



D. Maria da Luz Cotta, natural de Angra do Heroismo, fallecida ultimamente em Braga. Era uma dedicada propagandista das obras catholicas e senhora dotada de exemplarissimas virtudes. Paz á sua alma.



Direção da Tuna da Juventude Catholica de Braga. De pé:—Gualter da Cunha Leite Meirelles, presidente. A' esquerda Humberto Lima Vice-presidente, e á direita José M. de Sousa e Silva.



Essad Pachá, commandante das forças que combatem contra os austriacos na Albania.

## Portuguezes de lei

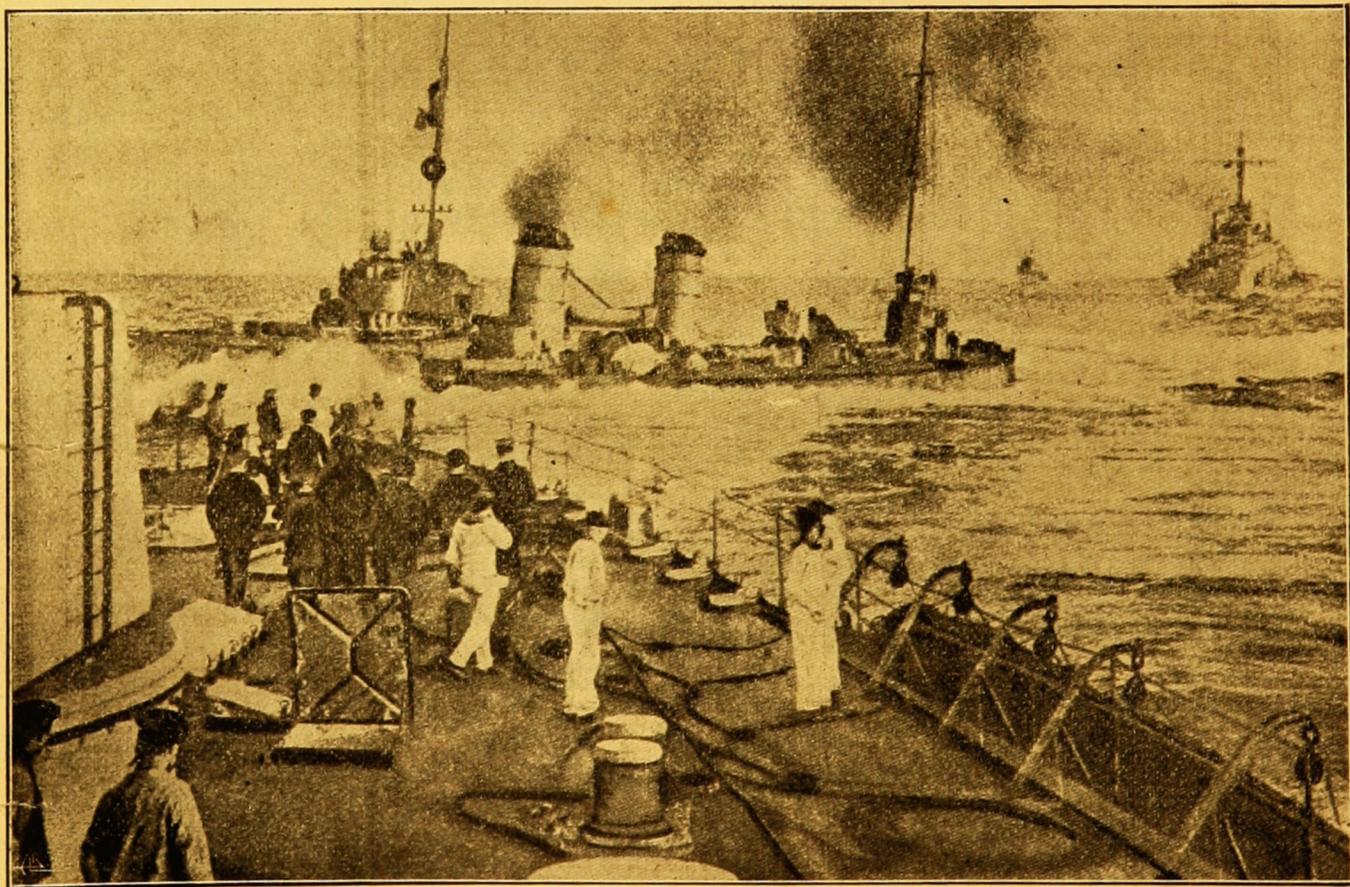
(Conclusão)

POR EDUARDO DE NORONHA

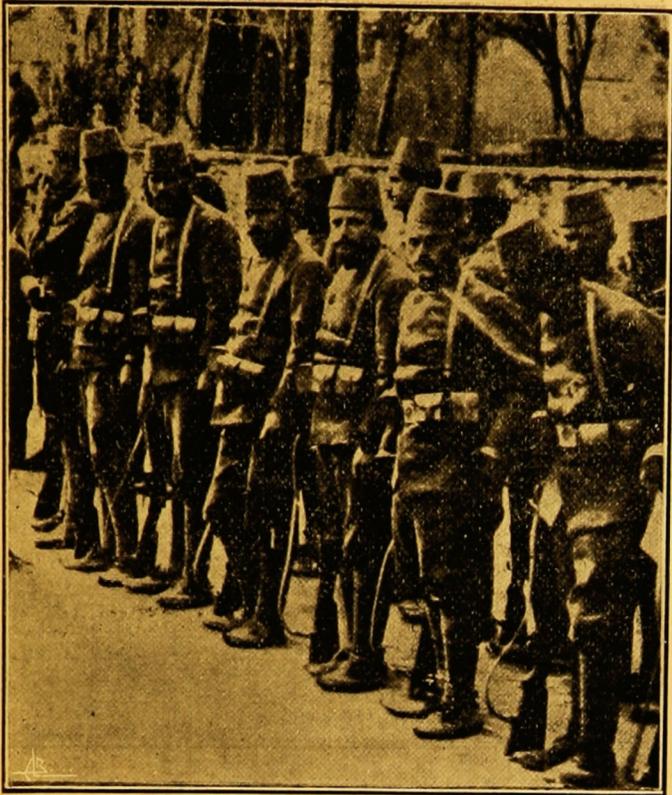
OO

**E**NTÃO o Julio, com a maior serenidade, como se não houvera estudado repete a critica que Antonio de Azevedo escrevera. Intercalados, succedem-se levantados elogios e imparciaes reparos. O hospede não se melindra, pelo contrario, exulta, contente. Por fim abraça o critico e confessa que nunca ouvira a verdade exposta com tão fino criterio, delicadeza e observação sobre a sua obra. Vira-se então para Antonio de Azevedo e argue-o pouco mais ou menos n'estes termos:

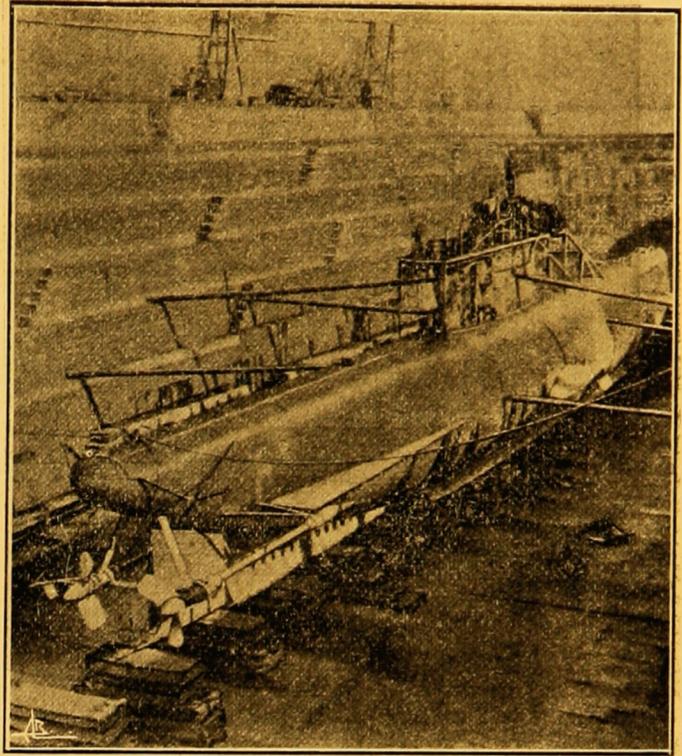
— E' um inaudito attentado contra a boa



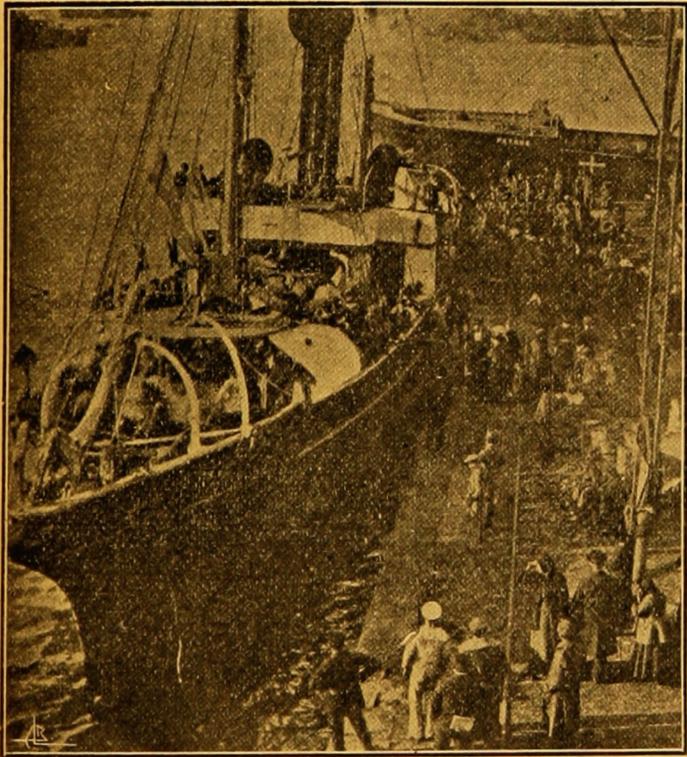
Um torpedeiro allemão atravessando a toda força a linha inimiga.



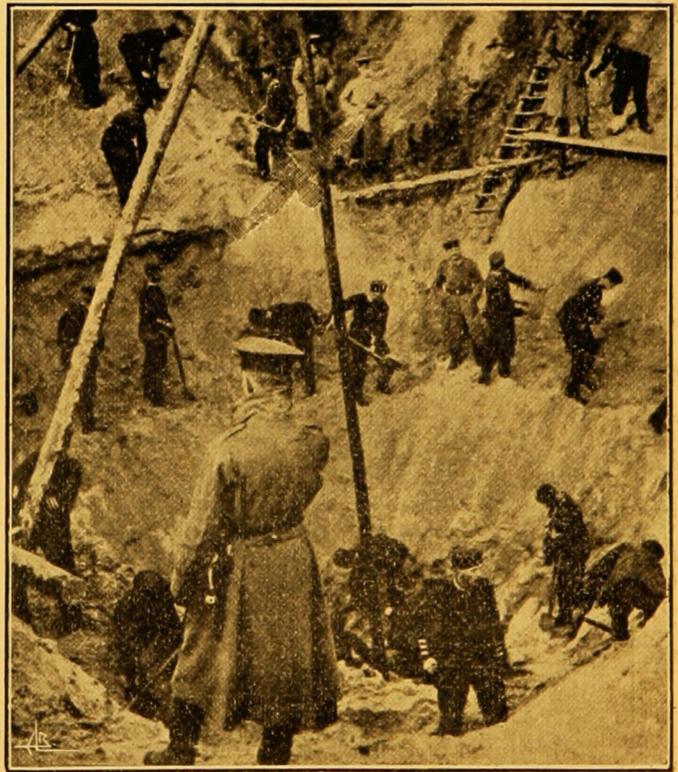
*Soldados do Essad Pachá*



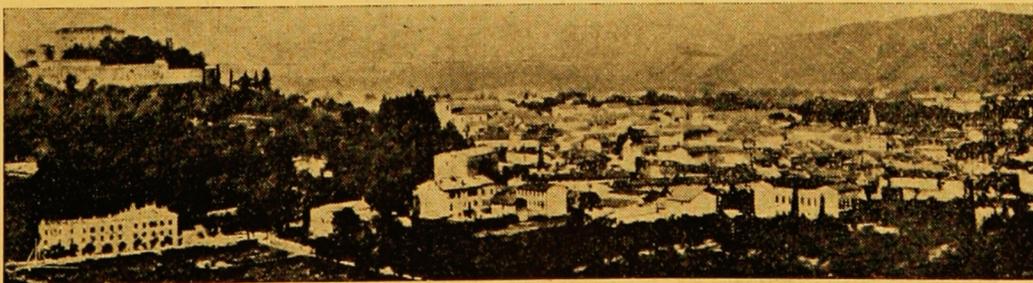
*Constantinopla — O submarino francez "Turquoise",  
capturado pelos turcos, na doca secca d'aquelle porto*



*Os refugiados servios deixando a Corsega.*



*Berlim — Soldados de engenharia, pesquisando agua  
para pratica dos regimentos em instrucção.*

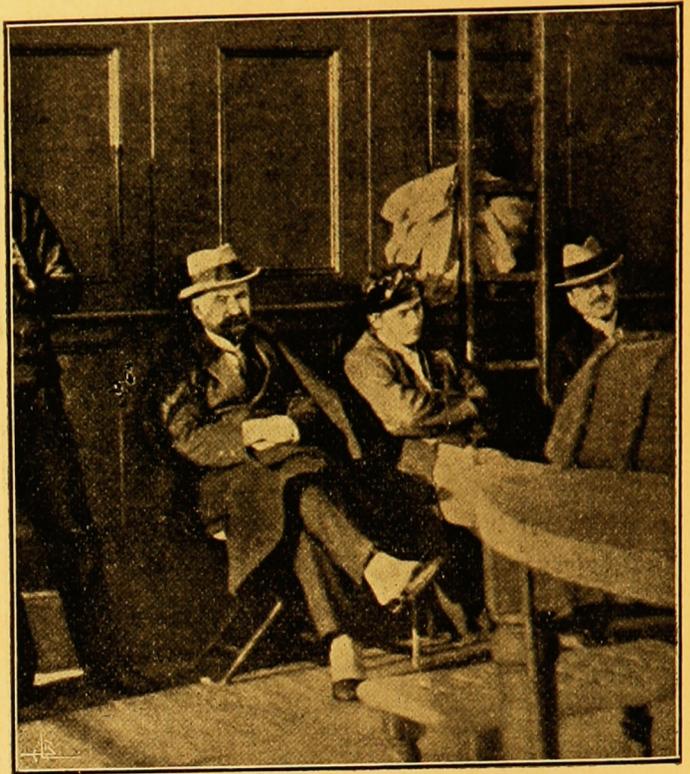


*Uma vista de Goritzia*



O "raid," sobre Paris. em 29 de Janeiro.

Como ficou o passeio d'uma rua, depois que uma bomba d'um Zepelin furou a abobada do Metropolitano.



Os consules prisioneiros em Salonica. O da Bulgaria (à esquerda). austriaco (à direita). e ao meio a perceptora dos filhos do consul allemão

critica conservar no fundo das montanhas do Marão espirito tão esclarecido!

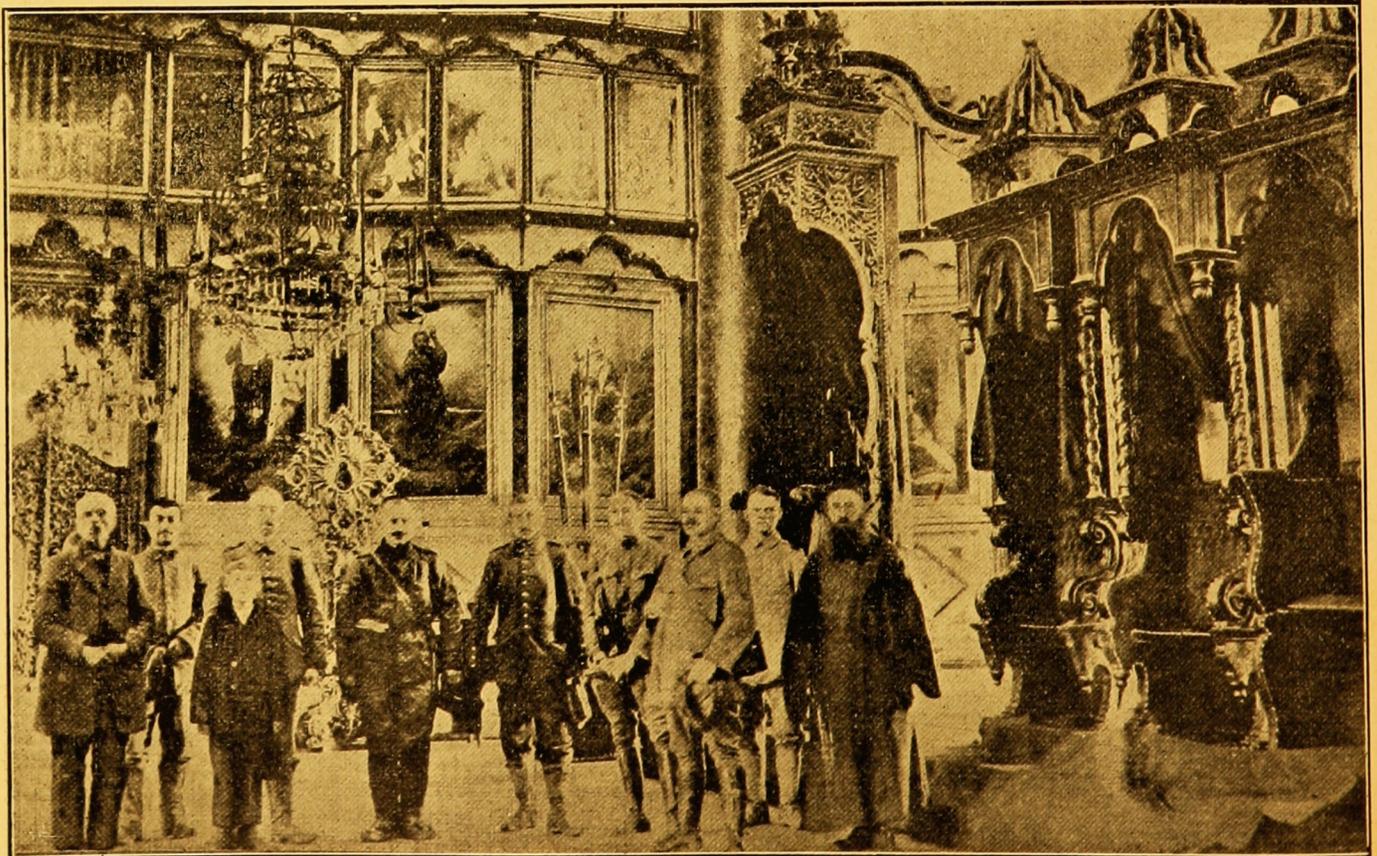
No dia immediato o poeta, visitando o que era então Villa, divisa com pasmo o seu critico talhando um fato de cazimira para um camponio.

\* \* \*

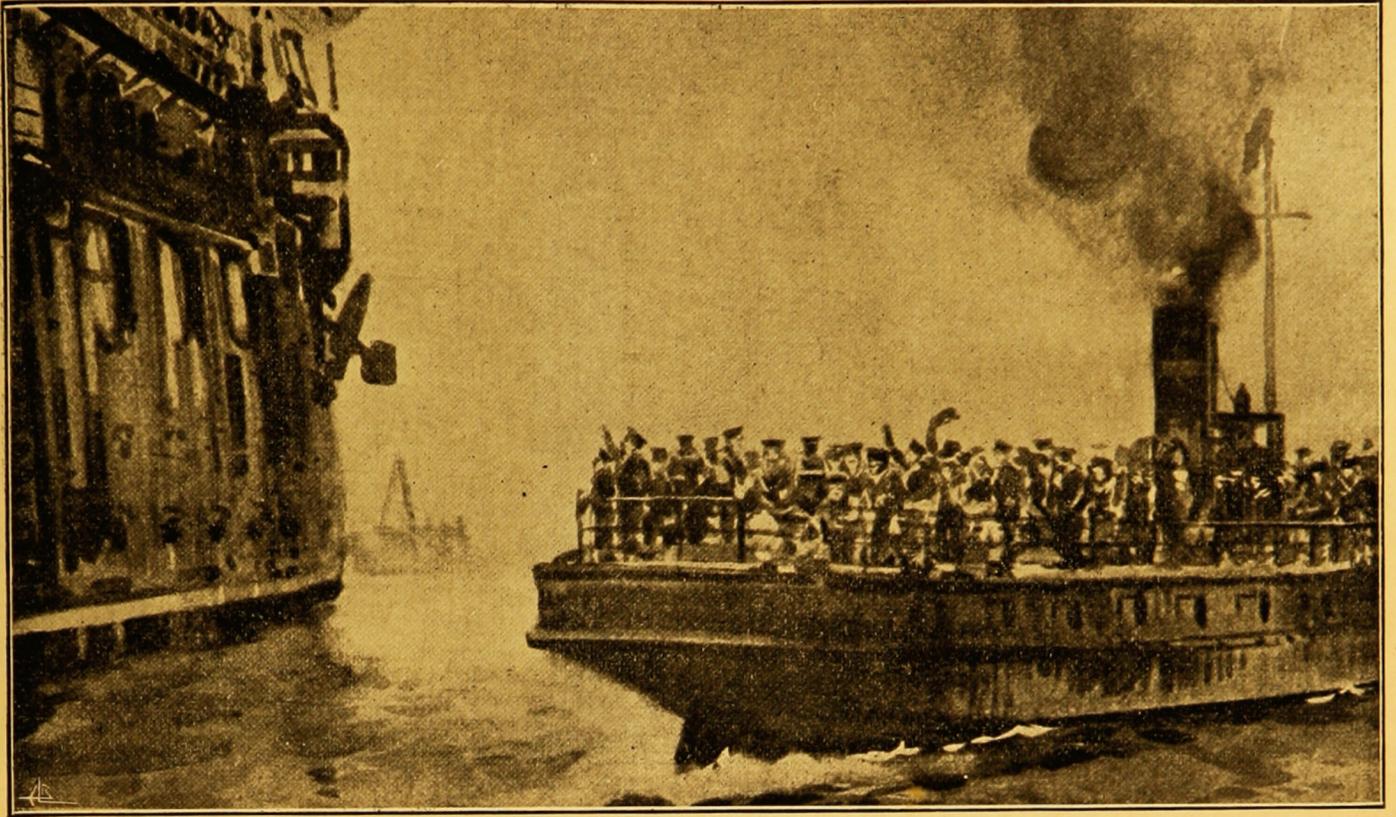
Jantava-se á sombra de uma latada de mos-

cateis, n'uma quinta dos suburbios de Villa Real. Antonio de Azevedo, então ministro da justiça, em honra de quem se celebrava o jantar, presidia affavel, risonho, com o seu costumado bom humor. Aos postres falla Julio Celoriça. Começa:

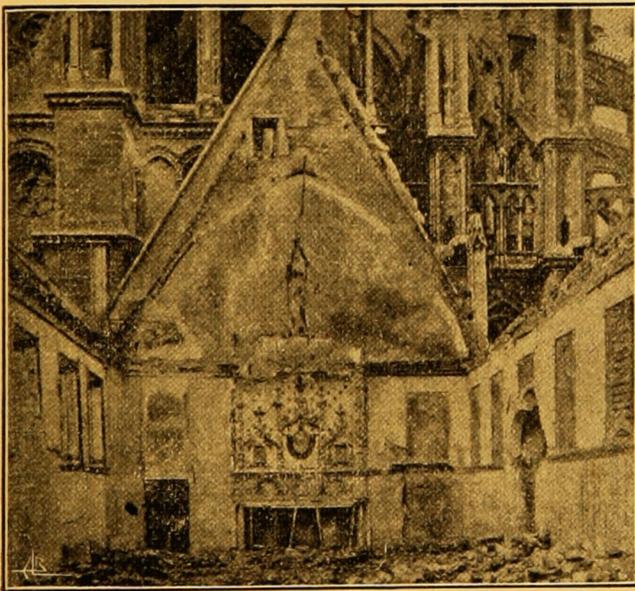
— Bebo, meus senhores, aos tres ministros presentes.



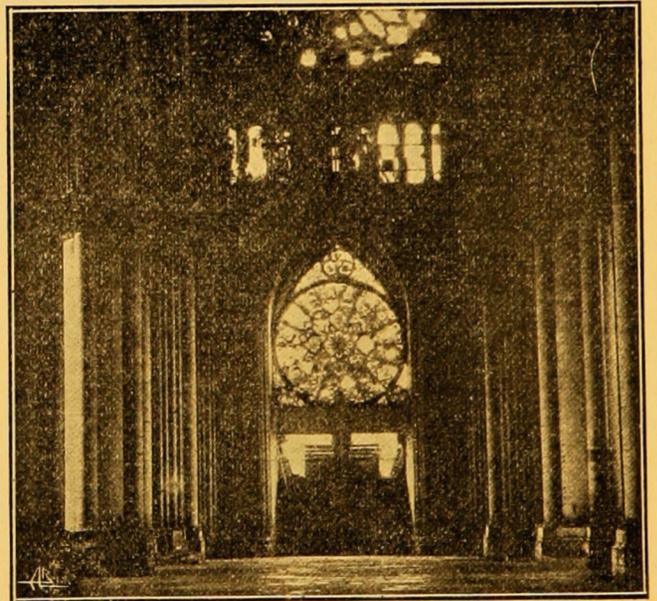
Nisch. A cathedral visitada por soldados allemães



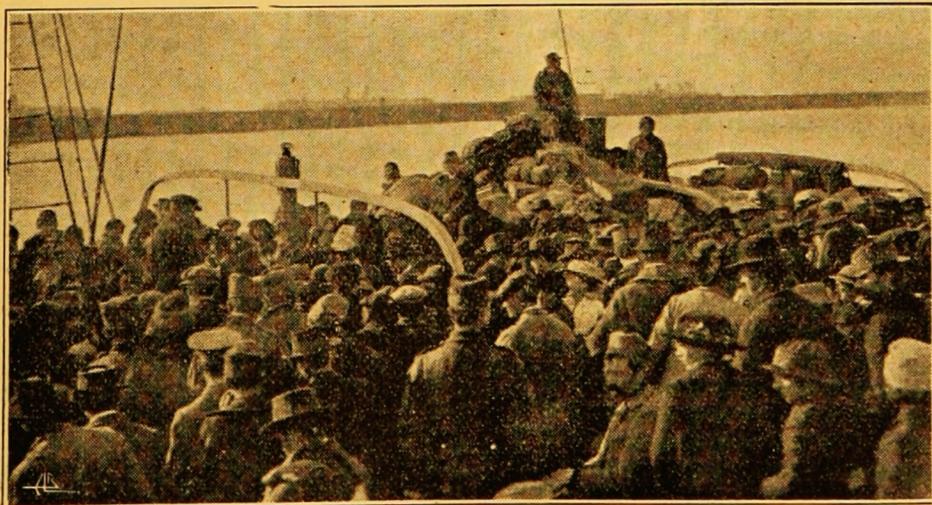
*Em Inglaterra — Os futuros leões do mar. O trasbordo de novos marinheiros d'um navio transporte para um navio de guerra*



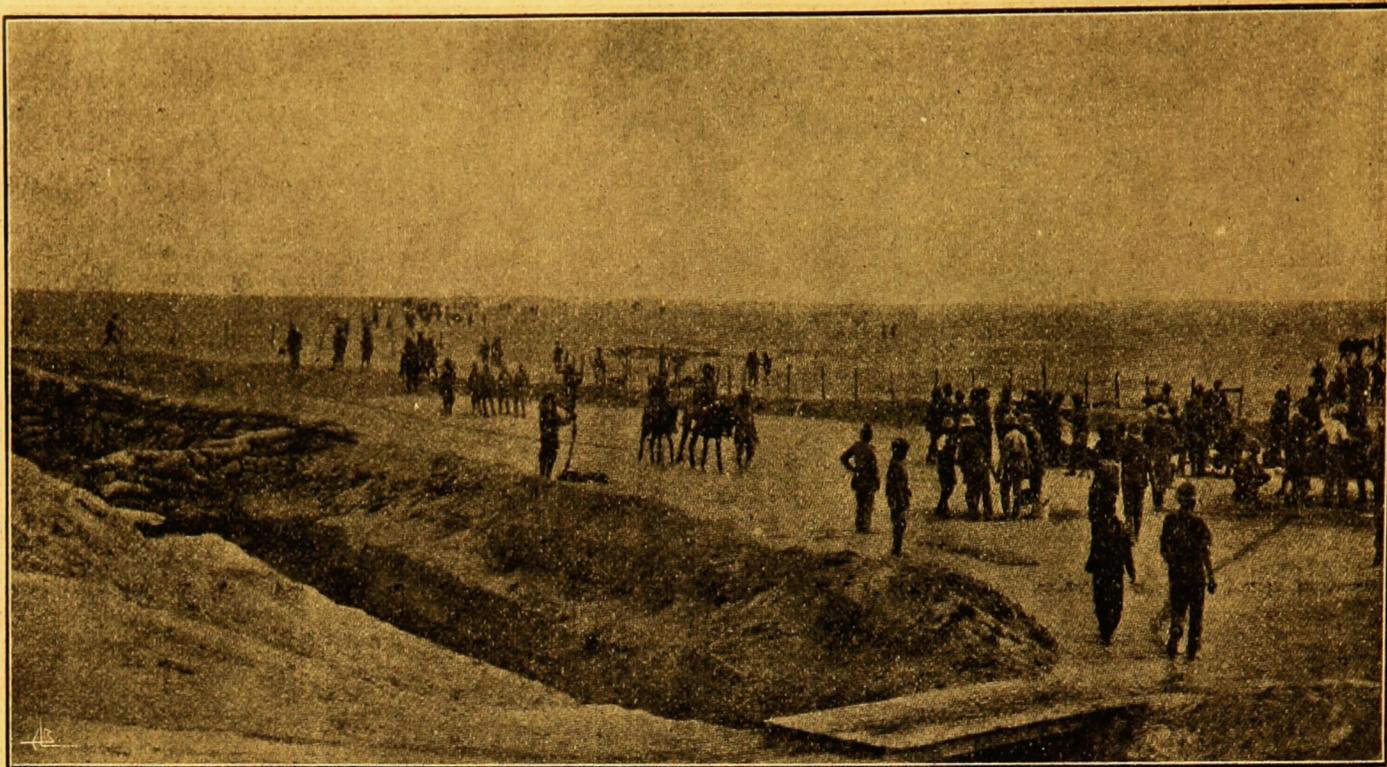
*Reims— As ruínas da capella do palacio do Arcebispo*



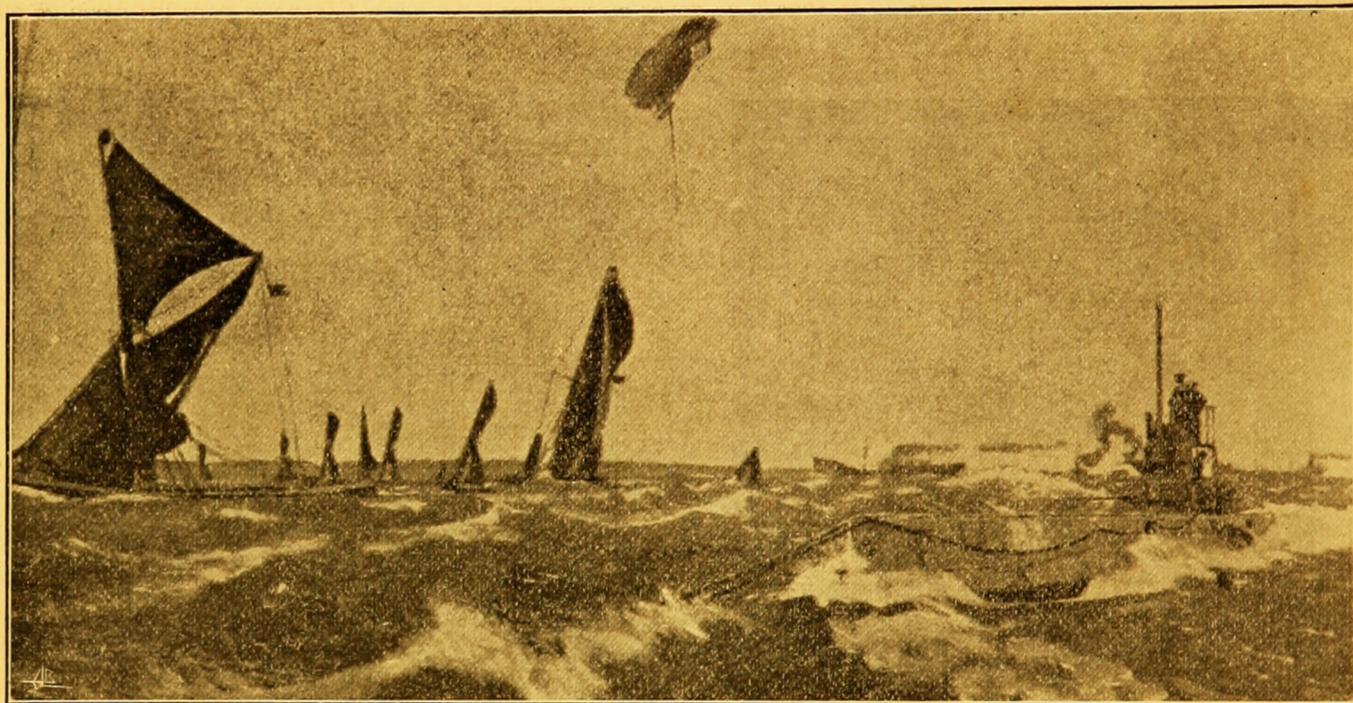
*Reims—Umra vista da cathedral.  
Interior mostrando a grande roseta da janella*



*Refugiados servios embarcando para Salonica*



*As obras de fortificação no Egypto*



*Caravellas levando explosivos para Medway, protegidas por um submarino*

Rebentam interrupções de todas as bandas, gritando que alli havia um só ministro. Que se o Julio se encontrava em estado de não poder fallar que se calasse. Julio Celoriça deixa que a tempestade abonance, e continua:

— ... Sim, aos tres ministros presentes. Em primeiro lugar ao meu compadre e amigo, Dr. Antonio de Azevedo, ministro da justiça; em segundo lugar ao meu veneravel amigo padre Serodio (tio do snr. Conde de Sabrosa e então capellão de infantaria 19) ministro da Egreja; e em terceiro lugar ao meu correlligionario José

Figueiredo, ministro da Ordem Terceira de S. Francisco.

Tornou-se alvo de uma ovação.

Antonio de Azevedo é presidente da Camara dos Deputados. Julio Celoriça vem a Lisboa visita-lo e hospeda-se na Penitenciaría. Vae a S. Bento uma tarde e sahe de lá com a impressão de que os representantes do paiz não votam ao seu compadre aquelle respeito e admiração que lhe consagram os povos transmontanos, e, no dia seguinte ao almoço, diz para o seu idolo:

Oh compadre, volto hoje ás Camaras e vou resolvido a fallar, a dizer da galeria áquelles bonifrates quem é o compadre e como nós lhe queremos em Traz-os-Montes e os deputados hão de ouvir das que nunca ouviram.

Não foi. Antonio de Azevedo sabia muito bem que o Julio não tinha a menor difficuldade em berrar tudo aquillo e ainda mais alguma coisa das galérias e impoz a sua auctoridade a fim de evitar um escandalo. Mas tão teimoso estava o bom e dedicado transmontano, que teve de o deixar quasi preso em casa, com uma pessoa de familia e de confiança, de sentinella á vista.

Muitos mais episodios semelhantes podemos relatar, demonstração do culto intensamente fervoroso que todo o povo de Villa Real prestava a quem foi durante toda a sua vida um defensor estrenuo dos seus interesses, dos seus beneficios, dos seus melhoramentos, do seu bem estar em todos os sentidos, um politico de tão grande alma e de tão claro entendimento que antepoz sempre, sempre, o bem da patria á victoria dos partidos.



## VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

### A alliança ingleza

**A** alliança com a Inglaterra não é a consequencia directa das habilidades da diplomacia moderna ou dos bons officios d'um governo patriotico. Radica-se n'um passado longinquo e tem profundas raizes na vida historica do nosso povo. Desde os principios da monarchia os factos mais do que as negociações, se encarregam de approximar dois povos animados do mesmo desejo de conquista e que no decorrer dos tempos, hão-de garantir, — ligando-se intimamente em successivos tratados, os seus interesses communs. São diversos os papeis que a historia reserva aos dois estados amigos. Portugal fez-se triumphar e decahir pelo heroismo e pela audacia; A Grã-Bretanha revitalisou-se, ergueu-se no conceito do mundo pela habilidade ponderada, pela astucia fria—o genio andante de Nun'Alvares mãos dadas com o mercantilismo de John Bull. Entretanto, bem diversos nos processos, flagrantemente se-

parados na sua longa e differente caminhada atravez da historia, ligados tem sempre vivido estes dois paizes. D. Sancho I um troço de cruzados inglezes tomando Silves e emprehendendo a conquista do Algarve, ajudado por um troço de cruzados inglezes d'arribada no Tejo e D. João procurando uma princeza na casa de Lencaster, são os iniciadores d'essa estreita amisade que ha-de perdurar triumphantemente atravez das incertas vicissitudes do tempo e dos factos. O nosso primeiro tratado com a Inglaterra; celebrado em 1373, entre Eduardo III e o nosso D. Fernando I é uma simples alliança offensiva e defensiva, onde os soberanos contractantes se obrigam a tratar os inimigos e amigos como se proprios fossem e a auxiliarem-se mutuamente na defeza e integridade dos dois paizes. Quasi a seguir ao feito heroico d'Aljubarrota D. João faz assignar em *Windsor* um nosso tratado d'alliança, ractificando duma maneira solemne os compromissos anteriores. Em 1642, duzentos e cincoenta e seis annos depois realisa-se novo tratado d'estreita alliança celebrado entre D. João IV e o Rei Carlos, concedendo amplas prerogativas aos inglezes e consignando-lhe privilegios importantissimos como o d'um juiz de fóra, administrador de justiças para os seus subditos domiciliados em Portugal.

Oliveira Martins diz pittorescamente que aqui principia a suzerania d'Inglaterra.

Mais tarde por volta de 1654 Olivier Cromwell insiste junto da côrte portugueza por um novo convenio e D. João IV logo accede ao novo tratado concordando em que se consolide n'uma fórmula inilludivel a velha alliança mas que se concedam aos inglezes a liberdade de commercio, vinte e trez por cento *ad valorem* para os seus productos e compromettendo-nos a não fretarmos barcos a outras nações emquanto no Tejo houvesse embarcações inglezas. Em 1660 novo tratado confirma os protocollos precedentes e um anno mais tarde por occasião dos esponsaes da Infanta Catharina com o Rei Carlos II realiza-se mais amplo convenio, cedendo Portugal dois milhões de cruzados de dote, Tanger e Bombaim e obrigando-se mutuamente as altas partes firmantes a fornecerem-se em caso de necessidade mil homens de cavallaria e dois mil d'infantaria. A Inglaterra obrigava-se ainda a impôr á Hollanda a restituição das possessões que nos tomara durante o dominio castelhano.

Em 1703 no reinado de D. Pedro II assigna-se o celebre tratado de Methuen, ainda hoje tão vivamente discutido, tão diversamente apreciado. Por este protocollo se designava para os vinhos portuguezes a terça parte dos direitos cobrados sobre os vinhos da França em troca do exclusivo absoiuto das manufacturas de lá, inglezas, prohibidas severamente ás outras nações. Varios historiadores e tratadistas affirmam

a nocividade d'este tratado que teria sido a causa mediata da ruina total das nossas industrias textis e o começo da drenagem do nosso ouro que nos collocava na dependencia britanica, o motivo imperioso que nos arrastou a uma alliança com a Hollanda e Austria na famosa questão da successão em Hespanha, que foi para Portugal um verdadeiro desastre, sem ponderarem que elle abria de par em par os seus mercados aos nossos vinhos, que fomentava a cultura da vinha, rasgando um largo horizonte á agricultura do paiz. Oliveira Martins escreveu que por este tratado Portugal se convertia na horta d'Inglaterra, como se fosse prejudicial aos nossos interesses que as nossas producções agricolas alli encontrassem facil collocação. Hontem como hoje o effeito d'uma phrase d'espírito sacrificava interesses maiores. Em 1776 quando da independencia das colonias americanas o Marquez de Pombal mandou fechar os portos nacionaes aos navios *yankees* mas logo D. Maria I cede as instancias de neutralidade da Hespanha, França e Russia e hostilisa assim a secular alliada para logo depois quando da guerra á França pela Hespanha e Inglaterra reconsiderar na sua attitude e mandar apressada uma divisão auxiliar. Durante o perigo calamitoso das guerras napoleonicas, Portugal mantem-se fiel aos seus tratados, apesar das graves ameaças do bloqueio continental. Nas guerras peninsulares que sacodem o jugo francez os inglezes collaboraram efficaçamente com as nossas tropas gloriosas. Na abrilada no reconhecimento da independencia do Brazil é a Inglaterra que nos serve de intermediaria como ella ainda que protege os emigrados liberaes, é a sua esquadra commandada por Napier que auxilia o Duque da Terceira. Por occasião da Maria da Fonte a Inglaterra intervem ainda fazendo mallograr pela prisão das forças do Conde das Antas um movimento insurreccional no sul.

Deixamo-nos correr n'estas divagações sem referencia aos tratados de 1810, ampliados e confirmados em 1812 e ainda ao tratado de commercio celebrado em 1840 e que ficou sem valor, aos dois convenios de 79 e 90, que não foram ratificados e o celebre tratado que succedeu ao *ultimatum* assignado em 91 mas só ratificado em Windsor treze annos depois, e que alli foi renovado mais tarde, no dia dos annos d'El-Rei D. Manuel por occasião da sua primeira visita á corte ingleza.

Assim, ficam rapidamente esclarecidas as nossas relações com a Inglaterra, agora em tão flagrante evidencia com os bellicos furores do governo republicano,



A adulação e o espirito de partido que teem abusado de tal sorte dos termos, que algumas vezes teem chamado salvadores da patria aquelles que a perderam; e tyrannos aquelles, que a salvaram.

## Padre Antonio Vieira



viagem decorreu bonançosa, muito normal. Os temporaes nunca mais voltaram, salteando-nos apenas algumas impertinentes calmarias,

Simão Ferreira, o capitão da caravella, homem honrado e sabedor, prendera todos os navegantes, logo algumas milhas além de Cabo Verde, com a narrativa curiosa dos manejos dos caboverdeanos para deterem mais tempo na ilha o insigne Jesuita e os seus companheiros.

Para isso tinham alguns escondidamente pedido a Simão Ferreira, que usasse de todos os estratagemas justificativos, em habeis apparencias, da demora da caravella n'aquelle porto. Outros — e avultavam entre estes os principaes da cidade — propunham com arrojo ao capitão que, fingindo — ter-lhe estalado a amarra, entregasse a caravella aos ventos, deixando em terra os Padres, que dormiam fóra da embarcação.

E todos, por taes serviços, promettiam muitas patacas, mostrando na generosidade o valor do que pretendiam.

Por ultimo, repellidos sempre pela alma disciplinada e leal de Simão Ferreira, vira-os este com mostras de muito succumbidos, como se a ausencia d'aquelles Padres representasse para todo o archipelago uma fulminante calamidade.

Vieira deu graças a Deus por aquelle visível fructo da sementeira espiritual, tão bem lançada pela Companhia de Jesus, mas depressa — como que despertado pelas frequentes calmarias — volveu os olhos da alma ao seu querido Maranhão, ao campo de batalha que ha tanto tempo sonhava e appetecia, com sua paixão suprema.

O mar, entretanto, ceruleo e tranquillo, alisava-se como que em signal de concordia. Passavam grandes troncos e exoticas ramagens á flôr das aguas. Perfumes extranhos, de flores mysteriosas, fallavam de novas terras, de novas roças e costumes.

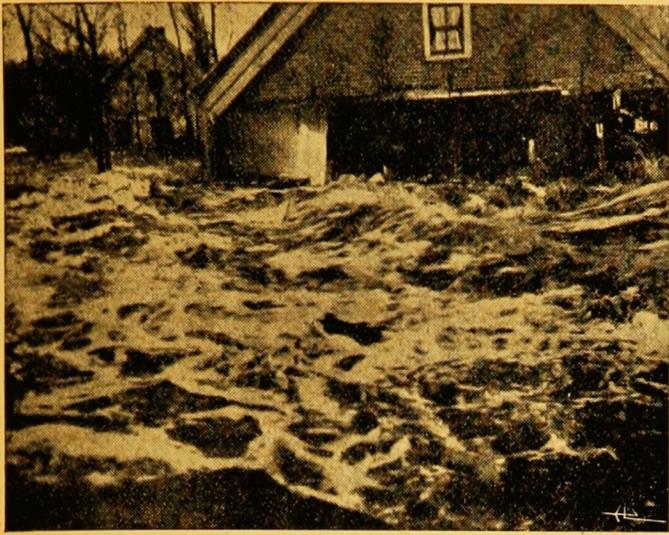
Todos sentiam um doce enervamento, effeito vulgar e certo da pomposa natureza tropical. Os choques violentos dos ares e do sangue, excitado pelos pavores e pelas intemperies, davam agora passagem ao langor suave que vem dos ambientes perfumados e pacificos.

Avistaram enfim a America, pela meia noite d'um sabbado. Fundeavam nos baixos de S. Roque, temerosos de galeiras.

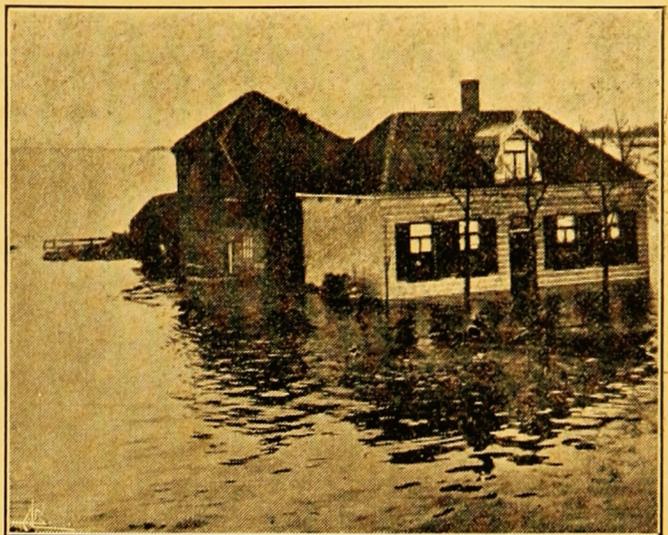
D'alli ao Maranhão — diz o Padre Barros — vão mais de 300 leguas, mas correm lá as ondas com tanto impeto, que a caravella em tres dias chegou deante da ilha de S. Diniz.

JOSÉ AGOSTINHO.



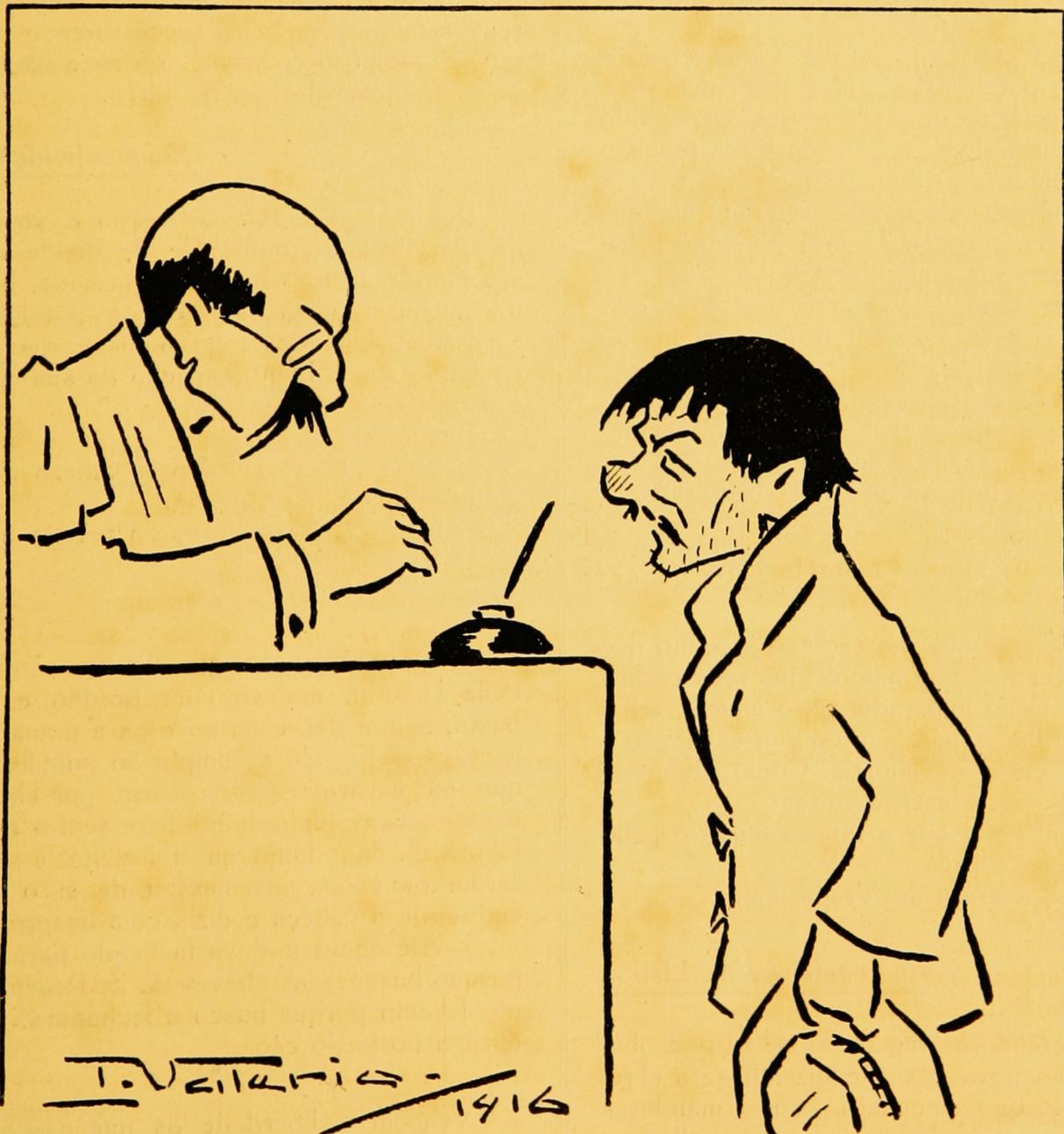


Hollanda—Uma grande corrente destruindo uma casa



Hollanda—Uma parte da região Volendam inundada

## No tribunal



- A sua idade?  
—30 annos.  
—Estado? . . . .  
—De embriaguez, snr. Juiz!

# Anecdotas • historicas

## Ditos • e • pensamentos



### Lagrimas de Licurgo

LICURGO, condemnando um réo á morte, rompeu em convulsivo choro. Um amigo lembrou-lhe que estava na sua mão salvar o condemnado, ao que elle replicou:

—Não posso. A sua morte é devida á justiça, e o tributo das minhas lagrimas á natureza.

### Passagem do Rubicon

Quando Cesar avançou das Gallias com o seu exercito para passar o Rubicon, demorou-se na margem d'este rio, porque o passallo importava desfraldar o estandarte da rebelião contra o senado de Roma.

Foi o ultimo sentimento republicano que sentiu no seu coração e que lhe arrancou um suspiro. Disse aos seus officiaes:

—Se não passamos este rio estamos perdidos, e se o passamos vamos fazer muitos infelizes.

Depois de reflexionar um pouco, deu o signal para passar, exclamando como sempre em todas as emprezas difficeis:

—A coisa está feita, já está lançado o dado.

### Quem torto nasce . . .

Tinha Vespasiano um escravo já velho que trazia nos campos por maioral dos seus gados. Tendo sido eleito imperador, veio aquelle velho escravo dar-lhe o parabem da sua exaltação e pedir-lhe a carta de alforria. Como o imperador lh'a negasse, o escravo disse:

—E' bem certo que a raposa muda o pêllo mas não muda a pelle.

Alludia á avareza de Vespasiano.

### As regateiras de Lisboa

Não querendo as regateiras de Lisboa obedecer a uma nova taxa, e dizendo-se a el-rei D. João III que emquanto as não mandasse açoitar não se emendariam, respondeu elle:

—Os filhos das regateiras, vêm a ser capitães na India, fidalgos da minha casa; não quero de antemão deshonra-los mandando-lhes açoitar as mães.

### Emblema turco

Tendo-se uma noite Philippe, rei da Macedonia, approximado com suas tropas dos muros de Bisancio, hoje Constantinopla, a lua, então em quarto crescente, que até alli estivera occulta em nuvens, descobriu de repente e mostrou aos sitiados os projectos do inimigo. Correram os turcos ás armas e repeliram os macedonios. Em memoria d'este acontecimento os bisantinos tomaram a meia lua por emblema da cidade. Mais tarde Mahomet II pôz este emblema nos seus estandartes. Seus successores o adoptaram e assim o crescente, ou meia lua, veio a ser o emblema do imperio turco.

### Magnanimidade real

Perdoou el-rei D. Sebastião a uma viuva do seu thesoureiro metade da divida em que seu marido ficara obrigado á fazenda. Não faltou quem o advertisse de que parecia lance excessivo. Chamou logo a viuva, que voltava contente com o bom despacho da sua petição, e disse-lhe:

Entendeste-me?

—Sim senhor. Ha Vossa Alteza por bem quitar-me metade da divida.

—Não é isso, senão que a perdão toda.

### Sixto V

O papa Sixto V, que d'antes se chamava Feliz Peretto, andava com bordão e cabeça baixa, fingindo-se enfermo e para pouco; e que necessitada (sendo assumpto ao pontificado) de que os cardeaes governassem por elle, e elle tivesse só o titulo honorifico, sem o exercicio laborioso. Mas tanto que foi eleito, e se declararam os votos, arremessou de si o bordão, endireitou a cabeça e dizia com desprezo:

—Até agora andava inclinado para o chão porque buscava as chaves de S. Pedro; agora me levanto porque busco a fechadura, e quero abrir a porta do céu.

\* \* \*

Vendem a liberdade os que descobrem o seu segredo.—*Peristrato*.

Perde a honra quem perde amigos.—*Pindaro*.

TITO FLAVIO

ANNO III